Pesquisa
ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

CARTAS PEDAGÓGICAS NA E PARA PESQUISA QUALITATIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA METODOLOGIA PARA HUMANIZAR

PEDAGOGICAL LETTERS IN AND FOR QUALITATIVE RESEARCH IN TEACHER EDUCATION: A HUMANIZING METHODOLOGY

Ivan Fortunato[1]
Maria Amélia do Rosário Santoro Franco[2]
Osmar Hélio Alves Araújo[3]

Resumo: Este artigo explora o uso de cartas pedagógicas como metodologia qualitativa de pesquisa na formação docente, destacando seu potencial para promover reflexões profundas e subjetivas sobre a prática educativa. Esta escrita enfatiza a dimensão humanizadora dessa abordagem, que valoriza a experiência vivida, as emoções e os significados atribuídos ao cotidiano escolar pelos professores. Por meio de um cotejamento da literatura com experiências vistas e vividas, busca-se delinear como essa metodologia pode contribuir para o desenvolvimento profissional dos docentes, promovendo uma formação mais sensível, dialógica e conectada às realidades educacionais. O estudo conclui que as cartas pedagógicas são um recurso poderoso para aproximar o universo da pesquisa acadêmica com o das práticas educativas, favorecendo a escuta, a expressão e a transformação da formação docente.

Palavras-chave: Cartas pedagógicas; Formação de Professores; Narrativas.

Abstract: This paper explores the use of pedagogical letters as a qualitative research methodology in teacher education, highlighting their potential to foster deep and subjective reflections on educational practice. This writting emphasizes the humanizing dimension of this approach, which values lived experiences, emotions, and the meanings attributed to the daily school context by teachers. Through a comparison of literature with seen and lived experiences, the study seeks to outline how this methodology can contribute to teachers' professional development, promoting a more sensitive, dialogical, and contextually connected education. The study concludes that pedagogical letters are a powerful tool to bridge the gap between academic research and educational practices, fostering listening, expression, and transformation in teacher education.

Keywords: Pedagogical letters; Teacher Education; Narratives.

[1] Pós-Doutorando no POSENSINO/UFERSA. Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP, 2022), Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (IB/UNESP, 2018) e Doutor em Geografia (IGCE/UNESP, 2014). Professor do Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br
[2] Pós-Doutora em Pedagogia (Paris VIII e UFES). Doutora em Educação (USP). Mestre em Psicologia da Educação (PUC-SP). Professora e Pesquisadora na Universidade Católica de Santos. Coordena o Grupo de Pesquisa "Pedagogia Crítica: práticas e Formação". E-mail: ameliasantoro@uol.com.br
[3] Doutor em Educação (PPGE/UFPB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB). Coordena o Grupo Laconex@o. E-mail: osmarhelioufc@gmail.com

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

1 Da inspiração para escrever cartas pedagógicas

> Fazia algum tempo um propósito me inquietava: escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve cuja leitura tanto pudesse interessar jovens pais e mães quanto, quem sabe, filhos e filhas adolescentes ou professoras e professores que, chamados à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nelas elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas. Cartas pedagógicas em que eu fosse tratando problemas, destacados ou ocultos, nas relações com filhas e filhos ou alunas e alunos na experiência do dia-a-dia (Freire, 2000, p. 16).

Este é um artigo que trata sobre "escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve". Essa leveza implica o uso de uma linguagem acessível, de frases curtas e pouco ou nada rebuscadas; uma escrita descontraída e informal, como se fosse um diálogo; com expressões do cotidiano; perguntas retóricas e até mesmo toques de humor, se houver espaço. Uma leveza que transmite gentileza e expressa preocupação genuína com o outro ser humano (a tal da empatia, que hoje tanto se fala). Leveza que se expressa por meio de histórias, ouvidas ou vividas, e pequenas reflexões que brotam lá *do fundo do coração*, e que muito dizem sobre a vida.

Paulo Freire (1997, p. 75) propôs a seguinte reflexão: "Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?". Conforme já escrevemos, acreditamos muito em uma Pedagogia praticada com lastro naquilo que vem do coração (Fortunato; Medeiros; Araújo, 2024; Catunda; Fortunato, 2022).

Foi registrado que Educar, em letra maiúscula, não acontece sem amor! Amor à humanidade, amor à vida, amor ao mundo que habitamos, amor a si mesmo! Por isso, Educar é um caminho que se navega a partir do coração, com práticas pedagógicas sensíveis e afetivas. Negligenciar nossas emoções e sentimentos nos processos educativos, em prol das práticas bancárias de preparação para os exames padronizados de larga escala, é ignorar a própria humanidade de quem educa e desprezar a humanidade dos educandos. Dessa forma, também propusemos uma reflexão: "temos consolidado uma Didática anestesiada, superficial, constituída por métodos e técnicas sem afeto e *sem coração*?" (Fortunato; Medeiros; Araújo, 2024, p. 19).

Escrever cartas pedagógicas em estilo leve é, portanto, mais do que uma escolha estilística: é um ato ético e político de desvelar uma Pedagogia que se opõe às práticas desumanizadoras e instrumentalizadas da educação contemporânea. A escrita de cartas pedagógicas, nessa perspectiva, convida o educador a se (re)conectar com valores que

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

fundamentam o ato de Educar, recuperando o afeto, a escuta e a empatia como elementos centrais do processo formador.

Nesse sentido, as cartas se tornam não apenas um meio de comunicação, mas também um meio de resistência, a partir do qual histórias, reflexões e sentimentos se entrelaçam para construir uma educação mais humana. Ao adotar essa abordagem, reafirmamos a importância de práticas pedagógicas que consideram os sujeitos em sua integralidade, valorizando não apenas o saber, mas também o ser. Afinal, como já nos alertava Paulo Freire, educar sem amor é desviar-se do próprio sentido da educação. Desse modo, problematizamos: *seria possível efetivar a escrita de cartas pedagógicas como uma metodologia de pesquisa para refletir sobre os problemas latentes e evidentes da experiência cotidiana?* Aventamos que sim!

Com o objetivo de pormenorizar a resposta que sugerimos como afirmativa, organizamos a escrita em três seções. Primeiro, fazemos um apanhado da literatura acadêmica que, com lastro na pedagogia Freireana, discute e qualifica o tema "cartas pedagógicas". Em seguida, por meio de uma revisão autoformativa, trazemos a presença das cartas de nosso cotidiano, como remetentes ou destinatários, almejando reconhecer como as reflexões nelas ancoradas nos transformaram como docentes.

Por fim, de forma ainda preliminar, esboçamos algumas categorias que podem vir a caracterizar a escrita de cartas pedagógicas como uma efetiva metodologia de pesquisa para educação. Nosso cuidado, sem dúvida, é o de resistir ao positivismo que já domina a construção do conhecimento, para que ele não apague as leituras de mundo que nascem do fundo de nossos corações.

Ao final, inspirados novamente em Paulo Freire, para quem a esperança na transformação do mundo não poderia prescindir de atitudes políticas de resistência e enfrentamento, *esperançamos*: que este artigo inspire a reflexão sobre a escrita de cartas pedagógicas como uma metodologia de pesquisa capaz de guiar práticas docentes, permitindo que educadores expressem suas vivências, desafios e aprendizados, resgatando as dimensões afetivas e humanas do processo educativo.

2 Dos ensinamentos de quem veio antes: escrituras sobre cartas pedagógicas

> Paulo, a leitura de tuas Cartas pedagógicas foi para mim como a imersão numa imensa onda cósmica de ânimo, de esperança e do sentimento de que vale a pena persistir na luta. Sinceramente há momentos em que a desesperança e a depressão parecem prevalecer. Mas ao sentir-te e ao ouvir-te inteiramente fiel até o fim na tua opção irrevogável de lutar, denunciando e anunciando com a veemência de sempre, tais sentimentos se esvaem (Andreola, 2000, p. 11).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

Nesta seção, o objetivo é identificar, na literatura, elementos teóricos que (nos) ajudem a compreender melhor a potência reflexiva e (auto)formativa de seguir a inspiração Freireana de escrever *umas cartas pedagógicas em estilo leve*. De imediato, as palavras de Balduino Andreola, reproduzidas na epígrafe, revelam que essas cartas pedagógicas contém a presença de quem as escreveu. Exprimir as experiências, os pensamentos, os sentimentos, as inspirações (etc.) no papel é, de fato, uma forma de ampliar a própria existência no mundo. Fazer isso na forma de carta, é transmitir-se ao(s) destinatário(s).

No caso específico de Paulo Freire, suas cartas pedagógicas foram endereçadas à humanidade, contendo toda sua luta pela transformação do mundo. Por isso mesmo, Balduino Andreloa, ao ler as Cartas de Freire, recuperou a esperança. Esperança que o patrono da nossa educação nacional jamais abandonou, não importa se exilado ou em missão educativa, se no luxo ou na miséria. Esperança que o manteve em luta, sem armas, sem violência, mas pujante o bastante para inquietar os donos do mundo. Ler as cartas pedagógicas de Paulo Freire, o andarilho da esperança, é ânimo para quem também segue esperançando por realidades outras, menos opressoras.

Ana Maria Freire (2001, p. 150), ao organizar e revisitar as cartas de Paulo Freire, notou que havia uma intenção muito clara com suas escritas, que era deixar expresso e evidente "[...] sua abertura ao diálogo e seu gosto de convivência com o diferente e, com sua humildade habitual, o seu gosto de ser gente!". Escrever cartas pedagógicas com, desde e sobre a perspectiva Freireana é, simultaneamente, um caminho de autoconhecimento, uma forma de manifestar sentimentos e reflexões, um ato político e a reafirmação da humanidade que se deseja compartilhar. Claro que nem toda carta é uma carta pedagógica. Como bem delineou Camini (2012, p. 6): "Olhando para a história da humanidade, é visível que escrever cartas é uma tradição secular. Cartas foram escritas com diferentes propósitos, como o de informar grandes descobertas, declarar amor ou saudade, articular uma guerra, descrever lugares". Escrever cartas, conforme nos conta a autora, é uma forma de comunicar à distância. Não obstante, há elementos profundos nessa comunicação quando a intenção é expressar-se sobre si mesmo e sua maneira de ver seu mundo vivido, tornando o documento escrito uma carta pedagógica.

Camini (2012, p. 11), ao listar diversos autores e diversas autoras de cartas pedagógicas, incluindo Paulo Freire, afirmou: "falar de si e de sua era, com tudo o que sua opção de vida e o seu registro em carta tenha lhes custado de risco, foi a forma mais

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

humana encontrada para suportar e aliviar a dor, o isolamento e o distanciamento das pessoas e da sua realidade concreta".

Além disso, conforme observado por Camini (2012), a escritura de uma carta pedagógica carrega qualidades como respeito, amorosidade e generosidade. A autora identifica essas marcas na escrita de Paulo Freire, cujos livros-ensaios eram, na essência, cartas – seja ao povo de Guiné-Bissau, na reconstrução de sua educação (Freire, 1978); à sua sobrinha Cristina, que buscava conhecê-lo melhor (Freire, 1994); ou às pessoas que ousam ensinar, reafirmando o caráter político da docência (Freire, 2002). É um ato extremamente generoso ter dedicado seu tempo a essas muitas cartas, sempre com uma escrita respeitosa, para compartilhar sua leitura do mundo vivido, expressando, em cada linha, um profundo amor à vida, à humanidade e ao mundo.

Seguindo com Isabela Camini (2021, p. 3), apreendemos que escrever cartas pedagógicas é também movimento, pois possibilita "nos deslocamos para o lugar onde se encontram os leitores/as". Foi assim que Paulo Freire se deslocou até Balduino Andreola e a nós e a tantas pessoas nas quais despertou sentimentos de tristeza e vergonha de vivermos em um mundo opressor. Escrevar cartas pedagógicas é ir ao encontro de pessoas que tem propósitos semelhantes com a educação.

Camini (2021, p. 4) também afirmou: "escrever Cartas Pedagógicas é uma terapia valorosa". A escrita (e a leitura) de uma carta pedagógica se torna, assim, potencialmente catártica – ou seja, uma experiência profunda de si, que provoca um alívio emocional intenso, transformador e curativo. Escrever cartas pedagógicas implica rememorar o visto, o vivido e o sentido, expressar as construções teóricas e as opiniões pessoais a respeito de si, dos outros e do mundo; permite, assim, expandir o ponto de vista sobre situações que oprimem ou deseducam...

> As cartas que escrevemos hoje têm uma função social, pedagógica e terapêutica. São registros preciosos de nosso tempo histórico, de vidas dedicadas a não descuidar de escrever cartas, sem desmerecer o alcance de outras formas de comunicação mais rápidas e duradouras. Talvez serão lidas pelas novas gerações, assim como eu estou lendo cartas de séculos passados. Cartas não envelhecem. Tampouco envelhecem quem as escreveu e quem as lê (Camini, 2021, p. 22).

A citação traz a perspectiva de que as cartas não envelhecem. De fato, sua escrita cristaliza os pensamentos, as ideias, as emoções, os sonhos, os devaneios... daquele momento em que as palavras são registradas no papel, mantendo *a vitalidade e o frescor* do que se sentia enquanto as escrevia. Por isso, a escrita de uma carta pedagógica tem mesmo a potência expressa por Dotta e Garcia (2022), ancoradas no ideal Freireano, de

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

assumir para si a autoria do próprio pensamento. Esse posicionamento é essencial para compreendermos que todos somos sujeitos históricos: não apenas existimos no mundo, mas o transformamos continuamente, construindo e reconstruindo a história.

Parece possível afirmar que, quanto mais escrevemos cartas pedagógicas que não envelhecem, com suas funções sociais, terapêuticas, históricas, de resistência e transformação, mais nos apropriamos de nossa característica de sujeitos históricos, fazedores da nossa própria existência coletiva. Por isso, escrever cartas pedagógicas é também um ato indissociavelmente político...

> [...] as cartas pedagógicas de Paulo Freire marcaram uma forma de escrita e comunicação, que na sua originalidade eram naturalmente uma metodologia dialógica, pois fundamentavam uma relação humana; e pedagógicas, no que diz respeito às convicções quanto às possibilidades de mudança, e a intencionalidade de libertação, sempre explícitas em sua posição política (Dotta; Garcia, 2022, p. 74).

Essas referidas marcas foram objeto de estudo da revisão sistemática elaborada por Fernanda Paulo (2023), que buscou identificar o uso de cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. Na sua revisão, Paulo (2023, p. 13) pôde identificar os diversos predicados das cartas pedagógicas que também reconhecemos ao revisitar a literatura, afirmando que "as Cartas Pedagógicas são instrumentos dialógicos de comunicação, e permitem mediações pedagógicas e políticas, a iniciar pelo exercício autoral de registros e partilha de experiências".

Além disso, a autora reconheceu que as cartas pedagógicas são instrumentos de luta que, pelo exercício da reflexão, sistematizam experiências vividas e possibilitam ativar o movimento dialógico de denúncia/anúncio da práxis Freireana. Como afirmou Paulo (2023, p. 12): "Cartas Pedagógicas trazem denúncias de práticas educativas e sociais desumanizadoras, nos alertando para a necessidade de mantermos a esperança, a palavração e o compromisso com a construção de um mundo mais humano".

Assim, a partir desta breve revisão da literatura sobre cartas pedagógicas, nos foi possível identificar diversos predicados que caracterizam esse instrumento como uma prática transformadora para uma educação crítica e humanizadora.

Ao examinar esses predicados, identificamos as seguintes categorias que (re)afirmam sua força pedagógica de resistência e transformação, calcadas na práxis Freireana:

- **Autoria e Reflexividade Crítica:** as cartas pedagógicas promovem a autoria e o autoconhecimento, permitindo a reflexão de/sobre si, as

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

atitudes e o mundo vivido. Esse exercício de escrita autoral estimula a construção de uma identidade crítica e engajada.

- **Diálogo e Humanização:** as cartas pedagógicas estabelecem uma comunicação dialógica, baseada no respeito, na escuta ativa e na afetividade. Escrever cartas pedagógicas é reafirmar o compromisso com uma educação humanizadora, que valoriza o encontro entre sujeitos e a construção coletiva do conhecimento.
- **Memória e Historicidade:** as cartas pedagógicas são registros históricos e subjetivos, documentando experiências, trajetórias e contextos de vida. Preservam saberes, fortalecem a identidade dos sujeitos e servem como legado para futuras gerações, ampliando a compreensão sobre os processos educativos.
- **Resistência e Esperançar:** as cartas pedagógicas são instrumentos de denúncia das injustiças e de anúncio de novas possibilidades. As cartas pedagógicas também anunciam a luta por transformação social, sendo um ato de resistência e reafirmação da esperança em um mundo mais justo e humano.
- **Instrumento Pedagógico e Metodológico:** as cartas pedagógicas atuam como ferramentas de ensino, aprendizagem e pesquisa, articulando teoria e prática, permitindo a sistematização do conhecimento e promovendo mediações pedagógicas e políticas que ampliam o olhar crítico sobre a realidade.

Dessa forma, essas categorias evidenciam que uma carta pedagógica é um poderoso recurso formativo, crítico e afetivo, que contribui para a construção de uma educação comprometida com a humanização e a transformação social.

O que fazemos a seguir é olhar para nossa própria relação vivida com cartas pedagógicas, buscando reconhecer, na nossa própria experiência, a força de todas essas categorias no nosso quefazer docente.

3 Um exame autoformativo de algumas de nossas vivências com cartas pedagógicas

> *No final da década de 1980, em um período de mudanças desafiadoras na educação pública, ao iniciar meu trabalho como diretora de uma escola, enfrentei o desafio de transformar o processo de alfabetização.*
> *A delegacia de ensino determinou que os professores deveriam adotar uma nova abordagem, acompanhada de materiais padronizados, o que gerou*

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

> *resistência entre os docentes. Uma professora, prestes a se aposentar, manifestou grande angústia, afirmando que não conseguiria trabalhar daquela forma.*
> *Diante desse contexto, propus uma atividade coletiva: cada professora deveria escrever uma carta descrevendo como alfabetizava seus alunos e as razões para suas práticas. Na semana seguinte, organizamos uma reunião para discutir o conteúdo produzido, reconhendo que as cartas continham um rico material de reflexão. A partir dessas discussões, elaboramos um documento coletivo que expressava como e por que alfabetizávamos daquela maneira. Em seguida, sugeri que escrevessem outra carta direcionada ao delegado de ensino, apresentando nossas perspectivas. Após um processo colaborativo, as professoras entregaram a carta única ao delegado, que nos autorizou a continuar alfabetizando conforme nossas convicções pedagógicas.*
> *Essa experiência foi um marco de resistência e insurgência, reafirmando a autonomia docente e o valor das práticas compartilhadas. Essa vivência, além de transformadora no seu tempo, ressurge como inspiração constante em minha trajetória, demonstrando o poder das cartas pedagógicas para fomentar diálogo, resistência e a construção coletiva de saberes no campo educacional.*

Esta seção começa com a partilha de uma experiência formativa vivida por um de nós, quatro décadas atrás. Revisitando o vivido e recuperando uma potente experiência transformadora, aprendemos que a escrita de cartas por docentes e/ou para docentes é, por si só, um ato revolucionário. Isso ocorre porque a pedagogia tradicional, ainda predominante na maioria das práticas escolares, pasteuriza os processos pedagógicos. Essa padronização naturaliza atividades reprodutivas, nega e invisibiliza os saberes dos professores, resultando em práticas acríticas e sem sentido. Assim, despreza-se o valioso potencial presente na vida e nas vivências de cada pessoa-docente.

Buscar esses saberes, trabalhá-los, valorizá-los e ampliá-los em novas práticas significa abrir espaço para que a docência se revista de um potencial político. Esse potencial se rebela contra o saber vazio, fruto da reprodução acrítica de roteiros de aula produzidos fora dos sujeitos.

Transformar as horas de trabalho pedagógico da escola em movimentos coletivos e transformadores é uma forma de romper com a lógica tecnicista, bancária e neoliberal que ainda permeia as práticas escolares. Contudo, para que esse trabalho pedagógico se converta em uma verdadeira pesquisa-ação, é imprescindível que seja realizado COM os professores e as professoras, assumindo um caráter investigativo e integrando uma dinâmica de formação contínua. Assim, o trabalho vai além de um simples registro ou, pior, de uma atividade burocrática destinada apenas a cumprir a carga horária docente, tornando-se efetivamente pedagógico.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

Do início dos anos 1980 saltamos para o final dos anos 2010, em um contexto em que a comunicação por meio das redes sociais já havia se tornado corriqueira e a troca de correspondências escritas se transformado em algo arcaico:

> *Certo dia, participei de uma reunião com professores em uma escola estadual de uma pequena cidade do interior de São Paulo. O objetivo do encontro era apresentar um projeto de formação docente, em parceria com a diretoria de ensino, baseado na ideia da autoformação, direcionado a professores, coordenadores e diretores presentes.*
> *Ao término da apresentação, uma das diretoras da escola aproximou-se e, de maneira discreta, entregou-me um papel dobrado, pedindo que eu o abrisse em outro momento. Mais tarde, ao abrir o papel, deparei-me com uma carta escrita à mão, redigida no calor do momento e carregada de emoções. Nela, a diretora me fazia um convite para visitar sua escola, com o intuito de conversar com os jovens e os professores sobre a educação como um verdadeiro meio de transformação de vida.*
> *Tal acontecimento revelou-se como um marco significativo em minha trajetória, pois percebi naquela carta manuscrita toda a potência pedagógica do gênero epistolar, que, ao descrever vivências, transbordava sentimentos e refletia um desejo de diálogo. A carta não apenas materializava o encontro entre educadores comprometidos com a transformação social, mas também representava uma forma de resistência frente às exigências objetivas e concretas impostas pelo cenário educacional neoliberal.*
> *Esse episódio reforçou em mim a convicção de que a escrita de cartas pedagógicas continua a ser uma prática potente, capaz de fomentar reflexões, fortalecer vínculos e promover a construção coletiva de saberes, mesmo em tempos de intensa digitalização da comunicação.*

Dessa forma, essas experiências recuperadas lá do fundo do baú, não apenas revelam o potencial transformador e formativo das cartas pedagógicas, mas também resgata a emoção e os sentimentos catárticos que a escrita pode proporcionar. Assim, ao revisitarmos essa prática, percebemos que a escrita de cartas carrega em si um valor pedagógico duradouro, capaz de fomentar processos formativos contínuos e transformadores na docência.

Sem saudosismo, há práticas de comunicação do passado que ainda persistem, embora de forma reduzida, e podem intensificar a riqueza da comunicação intersubjetiva – por exemplo, a escrita de cartas. Em épocas em que os recursos disponíveis eram bem menores, a humanidade, em torno de acontecimentos orais – vistos ou vividos, fazia a experiência da conversação à distância por meio de cartas. Não ignoramos que hoje a escrita de cartas não suscita o mesmo interesse que noutras épocas. Apesar disso, sublinhamos que toda carta é quase sempre um testemunho vivo de acontecimentos orais – vistos ou vividos, e que encontra na escrita sua força para criar memórias inesquecíveis.

A escrita de cartas não advém apenas da razão humana, mas sobretudo da intersubjetividade das pessoas. Talvez, por isso, escrever uma carta é sempre uma experiência única e profundamente humana. Ou, nas palavras de Larrosa (2000, p. 140):

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

"uma carta é como uma parte de nós mesmos que remetemos aos que amamos, esperando resposta, o professor gostaria que essa parte de si mesmo, que dá a ler, também despertasse o amor dos que a receberão e suscitasse suas respostas".

A carta tem, assim, sua razão de ser naquilo que somos e no desejo de remeter parte do que somos ao outro, e uma das melhores formas de remeter parte de nós mesmos ao outro é utilizando-se da comunicação. Nesse caso, por meio da carta.

Como muitos outros gêneros textuais, a carta é, antes de tudo, esse gênero epistolar potente para narrativas diversas, privilegiando muitas vezes acontecimentos orais – vistos ou vividos. O gênero carta sempre acompanhou a história da humanidade e se torna ainda mais relevante na formação docente na perspectiva de forjar *um exame autoformativo* de revisitar as práticas, encontrar as razões teóricas e metodológicas que (re)direcionam os percursos formativos, e deixar-se inspirar pela perspectiva de *viver e escrever em liberdade* novos caminhos formativos. Nesse sentido, as cartas pedagógicas, na e para pesquisa qualitativa na formação docente, são como um convite ao sujeito a revisitar as práticas e a sua práxis – os reflexos das suas experiências na transformação de si e do mundo. Se essa perspectiva for válida, faz sentido pensar a carta como um movimento autoformativo capaz de inspirar um *viver e escrever em liberdade* outros caminhos de formação.

Imaginamos que possamos conversar sobre as cartas pedagógicas como um diálogo autoformativo a partir de um duplo plano: a escrita de cartas poderá aqui surgir na e para pesquisa qualitativa na formação docente enquanto recurso transversal à constituição profissional dos sujeitos envolvidos e, ao mesmo tempo, como estratégia de constituição de professores reflexivos.

A inspiração de cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa na formação docente carrega como característica o valor da intersubjetividade de cada pessoa: ser *sujeito e autor* da própria carta. Isso implica perceber as distintas perspectivas das cartas pedagógicas como uma reflexão autoformativa, a saber: a escrita de cartas pedagógicas alcança-nos, em nossa subjetividade, envolve-nos e leva-nos a interessar-se pelo ser humano, seus afazeres, anseios, medos, projetos e necessidades, e isso não podemos negar. Logo, a valorização tão somente da lógica e da razão ainda é uma marca de nossos dias. Em contraponto, a escrita de cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa na formação docente dá lugar a processos investigativos interacionistas e humanizadores.

O ponto de partida da escrita de cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa na formação docente é o interesse pela pessoa humana, nas suas diferentes realidades,

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

valores, alegrias e esperanças, tristezas e angústias. Aqui, uma característica importante da escrita de cartas pedagógicas: enquanto pesquisadores, muitas vezes, temos muitas perguntas e respostas possíveis. Contudo, não sabemos, afinal, as perguntas que cada sujeito envolvido na/e com a pesquisa tem para nos fazer. Logo, na escrita de cartas pedagógicas perguntas imagináveis poderão ser despertadas e nutridas. A escrita de cartas pedagógicas na pesquisa qualitativa na formação docente é o momento que poderá despertar nos sujeitos da pesquisa o desejo de aprofundar, de ampliar, aprofundar e melhorar a sua competência profissional e pessoal.

O grande objetivo de toda e qualquer pesquisa é a formação dos sujeitos, a qual marcará a vida toda de cada pessoa. Por esse motivo, o primeiro elemento fundamental da escrita de cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa na formação docente é a arte de integrar as pessoas. Pela via interacionista e humanizadora, as cartas pedagógicas unem, num só contexto, os sujeitos envolvidos na pesquisa qualitativa. Talvez, por isso, muitas cartas pedagógicas se tornam memoráveis e inesquecíveis, porque guardam a complexidade do visto e vivido na docência.

É urgente retomar a função pedagógica que a escrita de cartas possue na formação docente. Elas dão o impulso para perguntas e respostas imagináveis. Pedagogicamente, pensar a escrita de cartas pedagógicas na pesquisa qualitativa na formação docente é deixar a pesquisa fazer parte de nós. Precisamos, portanto, recuperar a relevância das cartas pedagógicas na formação docente, uma vez que elas oferecem aos professores um momento essencial de reflexão sobre a prática. As cartas exigem presença, testemunho e sentimentos, possibilitando a construção de dados ao mesmo tempo em que promovem um processo de autoformação. Esse processo envolve revisitar constantemente as atividades diárias da docência.

Chamamos as cartas pedagógicas de um exame autoformativo porque é um instrumento pelo qual os sujeitos envolvidos assumem automaticamente o papel de autores e sujeitos da própria carta, enquanto os professores, por um instante, são também sujeitos da pesquisa. Isto é, a escrita de cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa é o tempo e a atitude de, após experimentar a reflexão do visto e vivido, poder partilhar tal experiência, contando-a aos membros da sociedade. Ou nas palavras de Larrosa (2000), remetemos parte do que somos ao outro, por meio da carta. A pesquisa qualitativa na formação docente, assim, torna-se vivência concreta de formação historicamente situada, contextualizada, na experiência da reflexão e capaz de dialogar com os desafios e as expressões da vida que pulsa no contexto das salas de aula.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

A escrita de cartas, enquanto exame autoformativo, surge, assim, como instrumento transversal à constituição profissional dos sujeitos sempre mais livres para escolherer. Isso porque, mais do que estar autor da carta, cada um também é o sujeito da própria carta. Sem isso, ocorre simplesmente muitas vezes a simples passagem de *dados* de um para outro. E com isso não se presta nenhum serviço relevante à formação docente por ocaisão da pesquisa.

Dessa forma, compreendemos que a escrita de cartas na pesquisa qualitativa em educação não é apenas um método, mas uma experiência profundamente humana, que permite aos docentes revisitarem suas práticas, refletirem sobre seus desafios e afirmarem sua autonomia profissional. A valorização das cartas como um exame autoformativo coloca em evidência a necessidade de um olhar mais sensível e interacionista na formação docente, onde a pesquisa deixa de ser um exercício burocrático e passa a ser uma vivência concreta e transformadora, que dialoga com os desafios e esperanças do cotidiano escolar. Teríamos encontrado uma metodologia de pesquisa, capaz de produzir sólidos e profundos conhecimentos sobre docência, escola e educação?

4 Em busca de categorias para cartas pedagógicas como metodologia de pesquisa

> As Cartas Pedagógicas promovem o diálogo crítico provocador, como imperativo da construção coletiva do conhecimento, permeado por processos de reflexão crítica, de interação e de problematizações. Em outros termos, as Cartas Pedagógicas, como instrumento metodológico, não são ferramentas de pura descrição de uma trajetória ou de reconstrução de narrativas de experiências sem reflexão acerca do que, onde, quando, com quem, como, por que e para quê sistematizamos experiências, ideias, posições e saberes. Escolher as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico é estar ciente da sua intencionalidade política, pedagógica, social e epistemológica (Paulo, 2023, p. 12).

Conforme delineamos nas seções anteriores, nas quais dialogamos com quem há muito tempo antes de nós lida com cartas pedagógicas, e com as nossas próprias cartas-metáforas, percebemos que essas cartas são uma expressão profunda da presença de quem as escreve, manifestando-se como um ato motivador e político. Elas convidam à reflexão, ao mesmo tempo em que permitem a quem escreve expressar sobre si mesmo enquanto lê e interpreta o mundo ao seu redor. Embebidas de amor e respeito, essas cartas se tornam registros singulares do tempo presente, preservando as emoções, os pensamentos e os contextos que as originaram.

Além disso, atuam de forma catártica, promovendo uma liberação emocional e intelectual que transforma tanto quem escreve quanto quem as lê, configurando-se como

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

uma prática pedagógica potente e humanizadora. É como afirmou Camini (2012, p. 35), sua escrita contém sempre "uma intencionalidade pedagógica, ou seja, tratam de questões que dizem respeito à formação humana, humanizadora, ou sua ausência nas pessoas".

As cartas, para refinar o pedagógico que nelas existe, criam asas e adquirem novos significados, ao serem abertas ao diálogo com os outros, com o mundo e com consigo próprio.

> [...] uma Carta só terá cunho pedagógico se seu conteúdo conseguir interagir com o ser humano, comunicar o humano de si para o humano do outro, provocando este diálogo pedagógico. Sendo um pouco mais incisivo nesta reflexão, diríamos que uma Carta Pedagógica, necessariamente, precisa estar grávida de pedagogia. Portar sangue, carne e osso pedagógicos (Camini, 2012, p. 35).

Cartas pedagógicas são fundamentais para quem as escreve; mas são poderosas para quem as lê/ouve e são transformadoras para quem as reelabora.

> A grandeza deste gesto se concretiza na troca, na correspondência entre quem escreve e quem recebe e responde, pois, de algum modo, toda carta, e de modo especial, a carta pedagógica, requer uma resposta, correspondente ao que lhe foi comunicado e informado (Camini, 2012, p. 40).

Uma carta escrita é um tesouro; uma carta ressignificada pela reflexão coletiva é um potente artefato de transformação das convicções que regem as práticas.

> Precisa conter um germe de uma nova comunicação humanizadora, que seja capaz de "mexer" com as pessoas, movê-las em outra direção. Ela deve trazer lições de pedagogia, aprendizados sistematizados pelos sujeitos educadores/as. Ela deverá incidir na formação humana, pedagógica e política do sujeito que a lê, e ajudá-lo a ser mais humano, mais gente, mais solidário (Camini, 2012, p. 42).

As cartas acontecem em diversos momentos: os que precedem a escrita e que geram impulsos emocionais, lembranças e memórias; a escrita em si que é a expressão de emoções vividas; a leitura ao outro e com o outro que gera empatias, escutas e sensibilidades; a reconstrução coletiva de novas escritas geradas por sentimentos compartilhados. Esses momentos compõem uma tessitura que fortalece o processo formativo de docentes. Tornamo-nos com esse movimento um coletivo investigador que articula emoções, desejos e propostas. Vem do coração e chega na densidade de uma prática outra, prenhe de sensibilidades. Como dizia Fals Borda (2003, p. 9) "*aquella persona que trata de combinar la mente com el corazón*", numa perspectiva *sentipensante*.

Aqui, ao retomarmos as categorias identificadas na literatura sobre cartas pedagógicas (seção 2) e confrontá-las com nossas vivências concretas (seção 3),

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

confirmamos a afirmação de Paulo (2023, p. 12): "a pesquisa com Cartas Pedagógicas se apresenta como instrumento político-pedagógico de resistência, comprometido com a transformação social". A autora já registrou, por meio de seu estudo de revisão, como as cartas pedagógicas são potentes instrumentos metodológicos de pesquisas participativas. Nossas experiências e a literatura assentem plenamente com essa afirmação.

Dessa maneira, podemos expressar que uma das categorias das cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa na formação docente é justamente seu caráter de *formação coletiva*. Não obstante, como delineamos de nossas vivências, podemos ir além, registrando que as cartas pedagógicas carregam, intrinsecamente, enorme potencial de *reflexão autoformativa*. Ademais, como formação coletiva ou como autoformação, é indiscutível que as cartas pedagógicas, para se qualificarem como tal, devem apresentar *diálogo pedagógico*, além de *denúncias e anúncios para transformação do momento vivido.*

Eis, então, as categorias que oferecemos como necessárias para que possamos incluir as cartas pedagógicas no rol de pesquisas qualitativas em Educação:

- **Formação Coletiva:** reflete a ideia de que a formação docente não deve ser vista como um processo individual e fragmentado, mas como uma construção coletiva que envolve resistência, reflexão e decolonização. As cartas pedagógicas se apresentam como um instrumento poderoso para promover a colaboração entre professores, fortalecer sua autonomia profissional e questionar práticas pedagógicas normativas. Ao adotar as cartas como parte do processo formativo, os docentes podem se engajar em um movimento de resistência que desafia as lógicas de um sistema educacional padronizado e busca formas mais justas e contextualmente transformadoras de ensinar e aprender.

  Esta categoria abrange três eixos complementares: (I) formação de um coletivo investigador, criando uma comunidade de aprendizagem na qual os professores compartilham experiências e constroem saberes coletivamente; (II) resistência coletiva que afirma a autonomia docente, desafiando práticas descontextualizadas e propondo alternativas mais adequadas à realidade escolar; e (III) decolonização das receitas a seguir questiona abordagens pedagógicas hegemônicas, promovendo alternativas inclusivas e respeitosas aos saberes locais e contextos educacionais.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

- **Reflexão Autoformativa:** destaca a importância de o professor assumir um papel ativo e consciente em seu próprio desenvolvimento profissional, promovendo um olhar crítico e contínuo sobre sua própria prática docente. As cartas pedagógicas oferecem um espaço privilegiado para esse processo, permitindo que os docentes revisitem suas experiências, revejam suas práticas e ressignifiquem seu fazer pedagógico de maneira autônoma e contextualizada. A escrita reflexiva possibilita um exercício de autoconhecimento e (auto)transformação, no qual o professor se apropria de sua própria formação, articulando teoria e prática em um movimento contínuo de aprendizado.

  Esta categoria abrange outros três eixos complementares: (I) a consciência crítica sobre sua própria prática docente, levando o professor a questionar seus métodos e valores sobre educação; (II) a construção de caminhos de (auto)formação personalizados, nos quais o docente identifica seus desafios e busca caminhos próprios para superá-los; e (III) o fortalecimento da identidade profissional, permitindo que o professor reconheça suas potencialidades, limites e contribuições no contexto educacional.

- **Diálogo Pedagógico e apresentação de denúncias e anúncios para transformação do tempo vivido:** aborda a comunicação entre os sujeitos da educação como elemento central para a compreensão e ressignificação das práticas pedagógicas. As cartas pedagógicas possibilitam a construção de um espaço dialógico no qual professores expressam suas vivências, angústias e esperanças, estabelecendo conexões genuínas baseadas na escuta sensível e no reconhecimento do outro. O diálogo promovido pelas cartas vai além do compartilhamento de experiências, pois se configura como um ato político e humanizador, capaz de fomentar mudanças na prática docente e na realidade educacional.

  Os três eixos complementares desta categoria são: (I) o diálogo empático, que fortalece vínculos e cria um ambiente de escuta ativa e respeito mútuo; (II) a denúncia das condições e desafios enfrentados pelos professores, tornando visíveis as dificuldades e as contradições da realidade educacional; e (III) o anúncio de novas possibilidades pedagógicas,

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

> inspirando práticas inovadoras e transformadoras que ressignificam o tempo vivido na docência.

A sistematização dessas categorias evidencia a potência das Cartas Pedagógicas como uma metodologia de pesquisa que transcende a simples documentação de experiências, posicionando-se como um dispositivo de formação e transformação social. Nesse sentido, se configuram como um convite para que docentes, individual e/ou coletivamente, construam novos sentidos para sua prática, promovendo um constante diálogo entre a experiência vivida e os horizontes de possibilidades futuras.

Ao apresentar três categorias para as Cartas Pedagógicas– formação coletiva, reflexão autoformativa e diálogo pedagógico com denúncias e anúncios – reafirmamos sua natureza dinâmica e dialógica. Elas possibilitam que os sujeitos educadores não apenas compartilhem suas trajetórias, mas também se reconheçam como sujeitos ativos de sua (auto)formação e agentes de transformação em seus contextos educativos.

Assim, as Cartas Pedagógicas, enquanto metodologia qualitativa, ampliam as fronteiras da pesquisa em educação ao oferecer um espaço vivo de reflexão e ação, do vivido e do vir a ser. Além disso, operam em um campo híbrido, que une emoção e racionalidade, experiência e teoria, voz individual e construção coletiva. Essa abordagem reafirma o compromisso com uma educação emancipadora, na qual as pessoas se tornam mais conscientes de seu papel histórico e político na construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

Por fim, ao adotar as Cartas Pedagógicas na e para a pesquisa qualitativa em educação, assumimos o compromisso ético de valorizar as vozes docentes, reconhecendo suas narrativas como fontes legítimas de conhecimento e resistência. Nessa perspectiva, a pesquisa com cartas pedagógicas não se restringe à análise de conteúdos escritos, mas à escuta atenta das subjetividades e dos contextos que as atravessam, promovendo um contínuo movimento de reflexão e ação, e a escrita (auto)reflexiva do momento vivido.

5 Considerações transitórias

> Não seria válido, justo e ético, ocuparmo-nos escrevendo cartas que venham ser lidas daqui a dez, vinte ou mais anos, em outro/novo contexto histórico de nossas lutas por dignidade humana? Quem sabe! (Camini, 2012, p. 31).

Achamos válido, justo e ético escrever cartas sobre nosso tempo vivido no presente, mediado pela carne, pelos olhos e ouvidos e sentido na alma, nas entranhas e no

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

fundo dos nossos corações. Ao registrar nossa luta, fazemos como Paulo Freire e mantemos vivo o esperançar de um mundo mais humano, digno de nele se viver.

Ao longo desse nosso ensaio, mergulhamos na literatura sobre cartas pedagógicas que, ancoradas na práxis Freireana, são práticas formativas, críticas, afetivas, éticas, políticas e humanas. Na literatura, as cartas de Freire, marcadas pela esperança e resistência, são analisadas como instrumentos de diálogo, reflexão crítica e registro histórico, que denunciam injustiças e anunciam possibilidades de transformação social.

Os escritos que revisamos evidenciam que escrever cartas pedagógicas é um ato de autoria, humanização e memória, que promove aprendizagens transformadoras e dialogadas. Essas cartas também funcionam como metodologias participativas e dialógicas, reafirmando o compromisso com uma educação libertadora e comprometida com a construção de um mundo socialmente mais justo.

Em seguida, nossas próprias experiências com cartas pedagógicas serviram de exemplo para evidenciá-las como um instrumento poderoso na (auto)formação docente, unindo reflexão, subjetividade e diálogo. Desde experiências transformadoras nos anos 1980 até vivências recentes, percebemos que as cartas não apenas narram práticas, mas também constroem saberes e fomentam resistências contra práticas pedagógicas padronizadas e acríticas. Ratificamos que, na pesquisa qualitativa, as cartas funcionam como um exame autoformativo, integrando humanização e intersubjetividade no processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Trata-se de uma prática que recupera memórias, promove reflexões profundas e fortalece vínculos, demonstrando que a pedagogia epistolar, mesmo em tempos digitais, permanece relevante e inspiradora.

Com a literatura revisada e nossas experiências escarafunchadas, nos sentimos confiantes para assegurar que as cartas pedagógicas, como metodologia de pesquisa, vão além da simples narrativa de experiências, promovendo reflexão crítica e diálogo pedagógico. Elas são instrumentos carregados de intencionalidades éticas e políticas, buscando a transformação social. Além disso, promovem a formação coletiva, (auto)formação docente e criam dialógos pedagógicos com anúncias e denúncias, tal qual a práxis Freireana que tanto nos inspira e nos instiga a perseguir uma educação mais justa e humanizadora.

Cartas são poderosas! Cartas pedagógicas intensificam esse poder permitindo maiores compreensões das complexas relações que se articulam na construção de processos formativos de docentes.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

Historicamente, temos tido uma formação que cala os sujeitos e os condiciona a reproduzir modelos e procedimentos. Pouca atenção é dada ao sujeito em construção: o que pensa? Como pensa? Ou então, o que deseja, por que deseja?

Se considerarmos que o professor é antes de tudo a pessoa, é preciso que esta pessoa esteja presente e atuante em sua própria formação. Muito já se escreveu sobre o poder dos processos reflexivos críticos na ressignificação dos saberes dos professores. O que sabe o professor? O que o professor faz com o que sabe?

É notório perceber que muitos processos formativos de docentes nega os saberes que o professor possui, ou os que estão em construção.

É necessário e urgente que os processos formativos adentrem o sujeito em formação; compreendam suas potencialidades e poderes e mobilizem seus saberes para que cada professor seja o protagonista de sua autoformação continuada.

As cartas pedagógicas podem funcionar como esse instrumento formativo que aproxima o formador das nuances de cada pessoa. As cartas movimentam a autoexpressão; criam condições de descobertas da própria identidade profissional; coloca cada sujeito em circuitos formativos que partem dele e se encontram com outras possibilidades.

As cartas pensadas, vividas e reveladas são expressões de vida; funcionam como organização de pensamento; expressam e revivem sentimentos. Assim, as cartas possuem o potencial de desenvolvimento do pensamento crítico, pois estão menos sujeitas às opressões colonizantes e, além disso, exercitam a alteridade. A carta parte do outro internalizado; dirige-se ao outro pensado que será o potencial leitor.

Mas as cartas podem mais. Elas podem se tornar pedagógicas, ao se imbuírem de intencionalidade de formação; ao se fazerem espaço de socialização que podem se reverter em práticas de resistência e de insurgência; mas acima de tudo, podem se tornar espaços de convivência solidária e de (auto)formação.

Ainda não podemos nos esquecer do caráter antropológico das cartas como registro do vivido e do humano se construindo. Podem assim funcionar como dados empíricos para pesquisas históricas e/ou exploratórias.

Reafirmamos enfim, que as cartas podem sim constituírem-se como metodologia e prática da pesquisa qualitativa em educação. Vamos escrever algumas?!

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1120

Referências

ANDREOLA, B. A. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. In: FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 10-14.

CAMINI, I. Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida. **Cadernos de Educação**, [*S. I.*], n. 65, p. 1-23, 2021. DOI: https://doi.org/10.15210/caduc.v0i65.22087

CAMINI, I. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 2012.

CATUNDA, M. B.; FORTUNATO, I. Educar com o coração: um caminho sensível, possível da docência. **Práxis Educacional**, [*S. I.*], v. 18, n. 49, e11528, 2022. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v18i49.11528

DOTTA, C. L. S.; GARCIA, E. E. B. Cartas Pedagógicas: uma inspiração Freireana. **Reflexão e Ação**, [*S. I.*], v. 30, n. 1, p. 69-84, 2022. DOI: https://doi.org/10.17058/rea.v30i1.16045

FALS-BORDA, O. **Ante la crisis del país**: ideas-acción para el cambio. Bogotá: Él Ancora Editores/Panamericana editorial, 2003.

FORTUNATO, I.; MEDEIROS, E. A. de; ARAÚJO, O. H. A didática na docência: um escrito do fundo do coração. **Ponto de Vista**, [*S. I.*], v. 13, n. 3, p. 1-20, 2024. DOI: https://doi.org/10.47328/rpv.v13i3.18174

FREIRE, A. M. A. Resenha – pedagogia da indignação. **Interface**: comunicação, saúde, educação, [*S. I.*], v. 5, n. 8, p. 147-152, 2001. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100016

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 12. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PAULO, F. dos S. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 9, p. e023019, 2022. DOI: https://doi.org/10.20396/riesup.v9i00.8670030

Recebido em: 29 de janeiro de 2025.

Aceito em: 6 de abril de 2025.